

La Comédiathèque

Cama e Café

Jean-Pierre Martinez



comediathèque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Cama e Café

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Fugindo do estresse da vida parisiense, Adão e Eva se instalaram em uma antiga fazenda onde, para quebrar um pouco o isolamento e complementar sua renda, eles prepararam uma casa rural. Mas seu primeiro casal de clientes chega e logo descobrirão que neste pequeno pedaço do paraíso, o inferno são os hóspedes...

Elenco
Adão
Eva
Francisco
Bernarda

© La Comédiathèque

Uma Tarde

Um terraço que serve como sala de estar em uma quinta restaurada nas montanhas. Adão e Eva estão sentados lado a lado em espreguiçadeiras.

Eva – Que tranquilidade...! De manhã, os pássaros me acordam em vez do despertador do meu telemóvel... Já estamos aqui há quase três meses e ainda não consigo acreditar... Sinto-me como no paraíso.

Adão – A calma antes da tempestade...

Eva – Isto é o paraíso na terra. Mas mesmo assim, temos que continuar a ganhar a vida com o suor do nosso rosto. Tu, obviamente, podes pintar em qualquer lugar: eu sou o teu modelo...

Adão – Minha musa...

Eva – Eu, o que querias que fizesse aqui, além de abrir quartos para hóspedes e vender queijo de cabra?

Adão – Mmm...

Eva (*pensativa*) – Os nossos primeiros clientes...

Adão – O batismo de fogo.

Eva – Temos de estar à altura. Confio em ti. A tua bondade natural... O teu sentido de hospitalidade...

Adão – E eles, achas que vão estar à altura? (*Pausa*) Percebes? Deixámos Paris para fugir de todos esses idiotas e agora, todos os fins de semana, vão dormir em nossa casa...

Eva – E jantar...

Adão – Oh não... Não me digas que também fizeram reserva para jantar à nossa mesa de hóspedes...

Eva – Talvez sejam muito simpáticos! Podes considerá-los como amigos que convidai...

Adão – Aos meus amigos não cobro.

Eva – Pois. Além disso, raramente os convidas...

Adão – Pode ser que tenhas razão. Pelo menos, se forem idiotas, quando nos fizerem um cheque antes de partirem, saberemos por que perdemos o nosso dia a cozinhar para eles e a nossa noite a fazer conversa.

Eva – Afinal, depende de onde colocas a barreira para distinguir os idiotas do resto da humanidade. Talvez também sejamos idiotas. O que é para ti um casal de idiotas?

Adão – Não sei... A estupidez não se define, constata-se. Conheces a frase "não há amor, só provas de amor". Bem, com a estupidez é a mesma coisa...

Eva – Mmm...

Adão – Não os deixámos há tanto tempo, lembra-te. Um casal de idiotas reconhece-se mesmo no escuro! (*Eva lança-lhe um olhar distraído.*) Quando chegam atrasados ao cinema, por exemplo! Em vez de se sentarem no final da fila, saltam por cima de dez pessoas para se sentarem no meio. Por cima do teu chapéu! Depois consultam as luzes dos telemóveis durante dez minutos para se certificarem de que o mundo pode continuar a girar sem eles durante o que resta do filme.

Eva – Quando a Senhora não sai da sala quinze minutos depois para atender uma chamada urgente. Para não incomodar ninguém.

Adão – Então, podes ter a certeza de que estás a lidar com um casal de idiotas de classe internacional.

Eva – Já não corremos o risco de ter esse tipo de problemas aqui. O cinema mais próximo fica a cinquenta quilómetros.

Adão – Ah, sim? Infelizmente, o idiota é muito móvel, sabes? Ele move-se, o idiota. Mesmo nas estradas em mau estado que conduzem aos pequenos recantos paradisíacos cujas coordenadas imprudentemente foram publicadas no site de Casas Rurais... (*O barulho de um motor e o balido das cabras perturbadas pelo veículo são ouvidos.*) Olha, eles aí vêm...

Eva – Já? A sério? Meu Deus! Nem terminei de limpar o quarto deles...

O barulho do motor afasta-se.

Adão – Ah, não. Esses estão apenas de passagem. Devem estar em migração para o sul. É a época.

Adão começa a enrolar um cigarro.

Eva – E se eu for apanhar amoras? São tão aromáticas. Poderia fazer-lhes uma torta. Não todos os dias comem amoras em Paris. Vens comigo?

Adão – Para onde?

Eva – Para a floresta!

Adão – Espera, uma amora é microscópica. Precisarias de pelo menos mil para fazer uma torta!

Eva – Se for uma torta pequena...

Adão – Só de pensar nisso, já me dói as costas...

Eva – Eu apanho-as então. Tu fazes-me companhia. Além disso, poderias aproveitar para fazer alguns esboços, apanharias ar...

Adão – Paisagens? Os impressionistas pintavam ao ar livre. Eu sou um pintor de interiores. E também tenho a impressão de que o tempo vai piorar, não vai?

Eva – Que disparate mudarmo-nos para as montanhas se continuas a pintar nus no teu estúdio... Então, vens comigo?

Adão – Não, sinceramente, não aguentaria ver-te cansar-te por pessoas que nem sequer conhecemos. E que provavelmente são completamente incapazes de distinguir entre as tuas pequenas amoras silvestres e uma verdadeira morango espanhol, do tamanho de um melão, entregue diretamente no teu prato de avião do seu estufa de plástico com irrigação automática.

Eva – Reconheço que a vantagem é que só são necessárias três ou quatro para fazer uma torta. Deve haver algumas no congelador...

Adão – Às vezes, questiono o que estamos a fazer aqui.

Eva – Fui eu quem teve a ideia de deixar a cidade para nos instalarmos no campo, mas tu escolheste este lugar...

Adão – É verdade. (*Emocionado*) É o paraíso... (*Recuperando-se*) Mas no paraíso, só havia Adão e Eva... Não lhes ocorreu a ideia maluca de abrir uma casa rural. Sim... Desfrutamos do paraíso durante três meses, mas agora verás. Como disse aquele famoso filósofo francês: o inferno são os outros...

Eva (*com ironia*) – Citares na mesma frase a Bíblia e Jean-Paul Sartre... Superaste-te...

Adão – Enfim, pelo menos é um quarto apenas para duas pessoas. Pelo menos nos livramos das crianças. Não suporto as crianças dos outros.

Eva – E como nós não temos...

Adão – Sim, bem, se as tivéssemos, acho que as suportaria mais facilmente do que as dos outros... (*Acende o seu cigarro e oferece-o a Eva.*) Queres?

Eva – Não, obrigada...

Adão – É orgânico... Cultivo próprio...

Eva – Preciso de manter a cabeça lúcida para receber os nossos hóspedes... (*Levanta-se*) Bem, tens razão, as amoras silvestres ficam para mais tarde. Vou começar a fazer as camas deles, é mais sensato. E tu? Qual é o teu plano para o resto do dia?

Adão – Acho que vou tirar uma sesta. Para estar fresco esta noite, e poder entreter os nossos hóspedes, como numa festa de um clube de férias...

Eva – Agora começas a assustar-me... (*Eva prepara-se para entrar em casa.*) Bem, preferia que não te encontrassem a fumar um baseado quando chegarem...

Adão – Está bem. Adeus à liberdade. Agora terei de me esconder para fumar... Mas não te preocupes. Ouvi-los-ei a chegar, com o seu todo-o-terreno a diesel a fazer barulho...

Eva desaparece. Adão fica sozinho, fuma alguns tragos do seu baseado e fecha os olhos, começando a adormecer. Uma mulher aparece no terraço. Está vestida com roupa de caminhada, com um crucifixo ao redor do pescoço, e leva uma mochila. Em resumo, tem um aspeto de escuteira, incluindo a boina. Inicialmente, não vê Adão e, surpreendida, não sabe o que dizer.

Adão (*abre os olhos*) – Então, mudaste de ideias? Não queres fazer a sesta juntos afinal...?

Adão vê Bernarda e percebe o seu erro. Como uma criança apanhada em falta, esmaga o cigarro apressadamente e tenta dissipar um pouco a fumaça. Ela está ainda mais desconfortável do que ele.

Bernarda – Olá... Peço desculpa... Não queria acordá-lo.

Adão – Não, não, não estava realmente a dormir... Está a recolher fundos para os Escuteiros...? Pensei que ao vir para cá me exilar, também estaria a salvo disso...

Bernarda (*a sorrir*) – Sou Bernarda... Fui eu quem os chamou... Sobre a reserva...

Adão (*reparando na mochila*) – Ah, percebo... Mas não era necessário trazer um saco-cama. A minha esposa está a preparar o quarto dela. Agora, se preferirem acampar no jardim...

Bernarda – Não, não... São apenas as nossas coisas de viagem...

Adão – Não me diga que vieram a pé de Paris...

Bernarda – Apenas da estação de comboio. Começaremos a caminhar amanhã. Estamos a fazer o Caminho de Santiago. Um pequeno troço a cada ano...

Adão – Em acomodações com pequeno-almoço...?

Bernarda – Fique descansado, não somos fundamentalistas.

Adão – Ah, mas não estava preocupado. Não temos nada contra a religião...

Bernarda – Na verdade, quase não acreditamos...

Adão (*impressionado*) – Na minha vida, vi muitas coisas quase inacreditáveis, mas é a primeira vez que conheço peregrinos quase não crentes... Pelo menos teremos um tema de conversa para esta noite...

Bernarda – Costumávamos passar as nossas férias na Toscana, mas tornou-se tão cliché... E acima de tudo, tão caro!

Adão – Já experimentaram a Extremadura? Diz-se que no verão é mais barato...

Bernarda – Era... Agora, se soubessem... Também se tornou inacessível.

Adão – Por isso optaram por uma peregrinação. Mas por favor, deixem a mochila. Querem tomar alguma coisa?

Bernarda deixa a sua mochila.

Bernarda – Tomaria um copo de água. (*Adão serve um copo de água.*) Para nós, essa peregrinação é mais... uma busca espiritual muito pessoal.

Adão – Sem gastar muito, têm toda a razão.

Bernarda – É também uma oportunidade para fazer algum exercício, perder alguns quilos e descobrir França de uma forma diferente.

Adão – Compreendo perfeitamente. Eu próprio vou a pé à missa de Natal todos os anos. E é sobretudo pelo ambiente...

Bernarda – Também para nos encontrarmos um pouco. Quero dizer... com o meu marido.

Adão – Ah, sim... E onde está ele...?

Bernarda (*ligeiramente preocupada*) – Começo a perguntar-me se já não o perdi... Insistiu em tomar um atalho... (*Com um olhar compreensivo*) Sabe como são os homens... Tivemos uma pequena discussão sobre onde passava o trilho GR... Nada de grave...

Bernarda molha os lábios no seu copo.

Adão – E quantos quilómetros fazem por ano assim?

Bernarda – Depende dos anos. Mas calculamos que a este ritmo, ainda nos faltam dez anos para completar a peregrinação.

Adão – Até lá, talvez tenham recuperado a fé.

Bernarda – A vossa casa é realmente magnífica. Ainda mais bonita do que no site. São da região?

Adão – Não... Nós também somos boémios parisienses em busca de espiritualidade. Mas escolhemos a opção sedentária. Comprámos isto há seis meses a um casal de agricultores endividados. Já não conseguiam pagar o crédito das suas vacas.

Bernarda – Ah, sim, com a crise na indústria do leite.

Adão – Por isso comprámos a quinta à viúva por uma pechincha...

Bernarda – A viúva...

Adão (*com uma expressão apropriada*) – O marido dela suicidou-se. Vê, na viga que está no seu quarto, precisamente. Mas desde então renovámos tudo, percebe? Fiz tudo sozinho, até a pintura. Sou um pouco à mão nisso. Mantendo o estilo rústico, claro. Vai ver, é muito acolhedor...

Bernarda parece um pouco perplexa. Eva volta, intrigada com os ruídos da conversa.

Eva – Olá...

Bernarda (*levantando-se para cumprimentá-la*) – Deve ser a Eva, certo?

Eva – Olá, Bernarda. Já conheceu o Adão?

Bernarda – Adão e Eva... É engraçado.

Eva – Sim...

Bernarda – Em qualquer caso, vivem no paraíso... Mas o Adão estava-me a contar a história da casa... O drama que aconteceu aqui... Tudo isso... (*Eva lança um olhar suspeito a Adão*) O trabalho de renovação não foi demasiado difícil...?

Eva – Claro que não! Não fizemos nada. Nem o meu marido nem eu somos bons em bricolagem. Aliás, foi por isso que escolhemos esta casa. O Adão deve ter-lhe dito. Pertencia a um casal de ingleses. Mas com a queda da libra esterlina... (*Bernarda lança um olhar a Adão, que assume uma expressão inocente*) O seu marido não está com ela?

Bernarda – Deve chegar a qualquer momento...

Adão – Estes senhores fazem o Caminho de Santiago.

Eva – Meu marido ofereceu-lhe algo para beber?

Bernarda – Sim, obrigada. Mas não quero incomodar-vos...

Eva – Sabe, por aqui não vemos muita gente. Por isso, para nós é uma distração. Mas talvez lhe mostre o quarto.

Bernarda – Sim, vou deixar a minha mochila e refrescar-me um pouco.

Eva – Por favor, siga-me. Vai visitar a casa de hóspedes.

Bernarda – Obrigada.

Entram na casa.

Eva – Tem de subir alguns degraus... O quarto tem o teto inclinado, mas uma boa altura...

Adão sorri e prepara-se para voltar a adormecer quando vê um homem a aproximar-se. Levanta-se da espreguiçadeira.

Adão – Bem, acho que a sesta acabou.

Olha para o homem que se aproxima e eleva a voz para se dirigir a ele.

Adão – Cuidado! Mantenha-se no caminho central, colocámos minas anti-pessoal nos lados para evitar que as crianças pisem a relva.

Francisco chega, um pouco ofegante, com o mesmo traje de escuteiro e uma mochila às costas.

Francisco – Pode ficar descansado quanto a isso. Deixámos a nossa filha em Paris. ? Mas não tem medo pelos seus...

Adão – Na verdade, eu não queria filhos e a minha esposa não podia tê-los. Ou vice-versa, já nem me lembro. Por isso, em vez de poupar dinheiro para pagar os estudos até aos trinta anos, comprámos uma vivenda com piscina.

Francisco – De qualquer forma, é realmente magnífico... Toda esta vegetação... (*O balido de uma cabra é ouvido*) A Bernarda já chegou...?

Adão – A minha esposa está a mostrar-lhe a casa. (*Assentindo*) Tem sede?

Francisco (*educadamente*) – Não, não muito...

Adão – Melhor assim.

Francisco – Não quero incomodá-lo...

Adão – Não me incomoda. Estava a tentar tirar uma sesta. Não sei por que continuo a tentar dormir a sesta, na verdade. Nunca na minha vida consegui dormir durante a tarde. Mas sabe como são os preconceitos. Uma pensa, agora que vivo no campo, devia tentar dormir a sesta. Você tira a sesta?

Francisco – Nas férias, às vezes... (*Enxuga a testa com uma toalha*) Está calor, não está? Perdi-me um pouco. Além disso, há uma subida íngreme para chegar à vossa casa...

Adão – Vamos, sirvo-lhe um copo de água fresca de qualquer forma, senão a minha esposa vai repreender-me. Não é obrigado a bebê-lo, certo? Só para me cobrir...

Francisco – Nesse caso... (*Adão serve-lhe um copo de água*) Obrigado.

Francisco, sedento, esvazia o copo de um trago.

Adão – A sua esposa disse-me que estão a fazer o Caminho de Santiago. Não sabia que passava pelos Alpes. A partir de Paris, não é o caminho mais direto, certo...?

Francisco – Digamos que é uma variante... Queríamos visitar a região...

Adão – Isso tranquiliza-me. Tinha algum receio de que fôssemos invadidos por peregrinos. Talvez nem todos sejam tão divertidos como vocês.

Francisco – Tentei ligar à Bernarda no telemóvel antes, mas não havia sinal...

Adão – Os encantos do campo... É um dos últimos lugares em França que ainda não tem cobertura de rede. Até para ter acesso à Internet, temos de subir à montanha ali. Como Moisés para descarregar as Tábuas da Lei. Ele também tinha de escalar um pouco para aceder à rede.

Francisco – Ah, sim, é... Muito calmo.

Adão – Estamos numa espécie de buraco negro das novas tecnologias de comunicação. Na verdade, foi uma das razões pelas quais escolhi esta casa. Sem rede, significa sem aborrecimentos. Teoricamente...

Bernarda volta e vê o marido.

Bernarda – Ah, estás aqui! Estávamos a começar a pensar que te tinhas perdido.

Francisco – Não, não... Estive a conversar um pouco com o Adão...

Bernarda – Disse-te para virarmos à esquerda. (*Dirigindo-se a Adão*) Mas ele não me ouviu, como sempre. Vens? Mostro-te o quarto. Vais ver, é magnífico...

Francisco (*para Adão*) – Bem, até logo então...

Adão – Leve o seu tempo, certo? Não temos pressa...

Ambos entram na casa. Eva volta pelo outro lado e parece preocupada.

Eva – O marido dela chegou?

Adão – Estão no quarto... Não os cruzaste?

Eva – Estava na cozinha...

Adão – Calma, não é assim tão grave. Até lhes ofereci algo para beber.

Eva – A Bernarda tem uma arma.

Adão – Perdão?

Eva – A Bernarda... Tem uma arma... Voltei ao quarto para lhe dar toalhas. Bati, mas ela não me ouviu. Estava na casa de banho. A mochila dela estava numa cadeira. Derrubei-a sem querer e vi claramente um revólver a sobressair...

Adão – E depois?

Eva – E depois? Voltei a colocar a mochila na cadeira e saí.

Adão – Isto está a ficar interessante... Mas tens a certeza de que era um revólver?

Eva – Não ia vasculhar na mochila dela, claro. Mas já vi um revólver antes.

Adão – Ah, sim? Onde?

Eva – Não sei... Na televisão...

Adão – Talvez não fosse real...?

Eva – Como assim?

Adão – Talvez fosse um brinquedo...

Eva – Mas o que é que peregrinos fazem com uma pistola de brincar na mochila?

Adão – Não sei... O Caminho de Santiago é longo. Talvez, enquanto caminham, brinquem aos cowboys e aos índios. Para passar o tempo. Talvez devêssemos verificar também a mochila dele, para ver se não tem um arco e flechas...

Eva – Estou a falar a sério, Adão.

Adão – Talvez seja uma recordação que compraram para a filha.

Eva – Achas isso?

Adão – Não sei... As meninas geralmente não brincam com esse tipo de pistolas, a menos que tenham pais muito perturbados... E, além disso, um revólver, mesmo de brincar... É bastante raro encontrar esse tipo de produtos nas lojas de lembranças dos mosteiros...

Eva – Escuta, Adão, eles vão passar a noite na nossa casa... Talvez devêssemos avisar a polícia...

Adão – A menos que a polícia seja eles...

Eva olha intrigada.

Adão – Viste as roupas deles? Não há nada que se assemelhe mais a um escoteiro do que um policial vestido à civil. Eles estão aqui vigiando. A terroristas, talvez. E a história de fazer o peregrinato em uma pousada, é apenas uma fachada. Não muito convincente, na verdade, na minha opinião...

Eva – Uma fachada...?

Adão – Tens as coordenadas deles em Paris?

Eva – Eu tenho um número de celular e um endereço. Mas poderia ser falso... Que terroristas? (*Angustuada*) Al-Qaeda...?

Adão – Eu estava pensando mais nos bascos.

Eva – Por que os bascos?

Adão – Bem, o Caminho de Santiago passa pelo País Basco, não passa?

Eva – Estamos no meio dos Alpes!

Adão – Ou talvez eles sejam os terroristas...

Eva (*aterrorizada*) – Árabes ou bascos?

Adão – Como distinguir um basco de um árabe com um gorro na cabeça...?

Bernarda retorna.

Bernarda – Obrigada pelas toalhas. Estamos a interromper alguma coisa?

Eva – De modo algum.

Adão – Estávamos a falar de vocês, na verdade. Foi por isso que paramos quando chegaram...

Eva – Precisam de cobertores?

Bernarda – Vai ficar bem, obrigada. Não temos frio. E, além disso, estamos em julho...

Adão – Ah, as noites podem ser frescas por aqui, sabem. Estamos na montanha. Já vimos as noites congelarem em pleno mês de julho. E, há dez anos, tivemos mesmo neve a 15 de agosto.

Eva – Bem, ainda não estávamos aqui, mas é o que nos contaram os camponeses da região.

Adão – Mesmo que, sabem como são os camponeses, até sóbrios, contam muitas tolices. Portanto, quando estão bêbados...

Eva olha para ele com fastio.

Bernarda – Que paz... Não se ouve um som... Quando se vem de Paris, quase dói nos ouvidos este silêncio. Mas vamos nos acostumar...

Adão – Sim... Nós, por outro lado, é o oposto. Mal tínhamos nos acostumado ao silêncio...

Eva – Conhece a origem da expressão "idiota dos Alpes"?

Bernarda – Não.

Adão – É porque o ar aqui é muito pobre em iodo. Uma substância absolutamente necessária para o bom funcionamento do cérebro. Sempre se fala do ar fresco da

montanha... Na realidade, é melhor não ficar muito tempo nos Alpes. Nós mesmos só estamos aqui há três meses e já sentimos que estamos a ficar um pouco tontos. Certo, querida?

Eva olha furiosa.

Bernarda – É verdade que estão muito isolados aqui...

Adão – Às vezes, dá um pouco de medo, especialmente à noite. Quando se sabe o que aconteceu nesta casa... Ainda bem que vocês estão aqui para nos fazer companhia, caso contrário, só teríamos o gado...

Bernarda olha na direção dos figurantes que representam a vista do terraço.

Bernarda – Ah, sim, as ovelhas... É diferente de Paris...

Adão – Embora... Quanto mais observo as ovelhas, mais semelhanças encontro com os parisienses. Vivem em grupos. Cortam-lhes a lã das costas e com a pouca aveia que lhes dão em troca, nem têm meios para comprar um casaco sintético em saldos...

Bernarda – Dão aveia às ovelhas?

Adão – Era apenas uma metáfora...

Eva – Além disso, não são ovelhas, são cabras.

Bernarda sorri educadamente.

Bernarda – E toda esta vegetação... O que é, aquelas plantações ali?

Adão – Ah, isso? É o nosso cultivo pessoal de cannabis. O isolamento tem as suas vantagens. E acreditem, é de qualidade. Se estiverem interessados...

Eva olha para ele com desdém.

Eva – Jantarão connosco, certo? Foi o que me disseram quando fizeram a reserva. Mas claro que não é obrigatório. Se preferirem descansar...

Bernarda – Não, não, será um prazer. É também por isso que viajamos em casas de hóspedes... Para interagir com os locais...

Eva – Infelizmente, connosco, tiveram azar. Na realidade, não somos locais.

Adão – Somos um pouco como os ursos dos Pirenéus. Foram reintroduzidos na área para evitar a extinção da espécie... De vez em quando, comemos uma ovelha. E nem conseguimos nos reproduzir. Espero que não terminemos também sob as balas de um caçador...

Eva – Tinha planeado presunto de Bayonne como entrada. Mas se não comem porco...

Bernarda – Adoro presunto de Bayonne.

Eva – Bem... Então, pelo menos, não são muçulmanos...

Adão – Aliás, não deve haver muitos muçulmanos a fazer o Caminho de Santiago, certo?

Eva – E os bascos, talvez?

Bernarda – Nem mesmo... Porquê...?

Eva – Não, não, estava apenas a perguntar... Como gostam do presunto de Bayonne...

Silêncio desconfortável.

Bernarda (*para Adão*) – Foi você quem pintou os quadros que vi lá dentro?

Adão – Sim.

Bernarda – Tem mesmo talento.

Eva – Sim... É um génio que merecia reconhecimento...

Adão – Não é fácil acreditar em si mesmo sem se levar demasiado a sério. A maioria das vezes, as pessoas simplesmente não o levam a sério.

Bernarda – E você?

Eva – Eu?

Bernarda – Imagino que administrar esses quartos de hóspedes deve requerer muita energia. Tem tempo para fazer algo mais?

Eva – Ainda não sei. Vocês são os nossos primeiros clientes...

Bernarda – Mesmo? Então teremos de estar à altura.

Adão – Sim, foi o que disse à minha esposa esta manhã, justamente.

Eva – O que estávamos a dizer é que precisamos estar à altura...

Bernarda – E o que faziam antes de se mudarem para cá?

Eva – Eu era professora de espanhol. Mas o ensino, agora... tornou-se muito difícil. Tinha a sensação de que com os meus alunos já não falávamos a mesma língua... Portanto, há dois anos, comprámos esta casa para tentar mudar de vida. Veremos o que acontece... E vocês? Em que trabalham?

Francisco volta.

Francisco – Olá...

Eva – Olá.

Bernarda – Acho que ainda não conheceu o meu marido... Francisco... Eva... e Adão.

Francisco – Adão e Eva...

Eva – Sim... Querem beber alguma coisa?

Francisco – Adão já me ofereceu um copo de água.

Eva – Bem, então podemos passar para o aperitivo, que vos parece?

Francisco – Por que não?

Eva – Meu marido levará um cobertor para a cama. Vocês verão se precisam ou não. Certo, querido?

Adão – Achas mesmo que é necessário?

Eva (*firmemente*) – Disseste-me que podia geada esta noite, não foi?

Adão finalmente levanta-se do sofá a contragosto.

Adão – Bem, então vou...

Eva – Vou buscar as garrafas.

Bernarda – Querem que o meu marido os ajude?

Eva – Não, não, obrigada, vamos ficar bem.

Adão e Eva estão saindo juntos.

Eva (*num sussurro para Adão*) – Aproveita que estão os dois aqui para procurar nas suas malas... Ela tem uma arma, estou a dizer-te... (*Em voz alta*) Pegas num cobertor no armário da entrada, querido?

Francisco e Bernarda ficam a sós. Trocam um olhar preocupado.

Bernarda – Eles são um pouco estranhos, não são?

Francisco (*distráido*) – Sim.

Bernarda – Viste as suas pinturas lá dentro?

Francisco (*apreciativo*) – Ah, sim.

Bernarda – Que horror...!

Francisco – São um pouco atrevidas... Mas bem...

Bernarda – Um pouco? Ele é um verdadeiro obcecado...

Francisco (*sonhador*) – Achas que ela posa para ele?

Bernarda (*seca*) – Por que perguntas isso?

Francisco – É verdade que ela é uma mulher bonita...

Bernarda – Sim, bem...

Francisco – É, pois é.

Bernarda – Mas a sério... Imagina tu pintar-me nua e pendurar o quadro sobre a lareira na nossa sala de jantar...

Francisco (*olhando para ela*) – Não...

Silêncio.

Bernarda – E o quarto? Achas que vale as três estrelas?

Francisco – Não é muito grande e tem um teto baixo, mas tem caráter. Com aquelas vigas à vista...

Bernarda – O tipo que se enforcou naquele armário das vassouras devia ser contorcionista...

Francisco – Veremos o que nos servem para o jantar.

Bernarda olha para as cabras (ou seja, os espetadores).

Bernarda – Estas cabras são estranhas, não achas?

Francisco – Ah, sim...

Bernarda – Não vês?

Francisco também olha.

Bernarda – Estão a olhar para nós e parece que estão a rir...

Francisco – Ah, sim, talvez...

Bernarda – Bem, temos de reconhecer que a paisagem é magnífica. Olha, estou com vontade de tirar uma foto. Para o nosso relatório... (*Francisco não se mexe.*) Então vai buscar a câmara!

Francisco – Sim, sim, vou...

Ele sai. Eva regressa com um carrinho cheio de garrafas.

Eva – Aqui... O que vos sirvo? Mas não me digam que perdeu o seu marido novamente.

Bernarda – Ele foi buscar a câmara no quarto.

Eva – Droga...

Bernarda (*surpreendida*) – Perdão?

Eva – Não, não, derrubei as amendoins, mas não faz mal... O que desejam?

Bernarda – Há alguma especialidade local?

Eva – Vinho de flor de dente-de-leão?

Bernarda – Ah, sim?

Eva – Não sei se é realmente uma especialidade local. De qualquer forma, foi o que o fazendeiro ao lado nos contou. Comprámos a ele. Aviso-vos, é um pouco especial. Além disso, o fazendeiro também é um pouco especial...

Bernarda – Oh, não vão envenenar-me...

Eva – Ah... O veneno é uma arma de mulher... Mais do que a pistola, quero dizer...

Bernarda parece um pouco desconcertada, mas recupera-se rapidamente.

Bernarda – Não faz mal, assumo o risco.

Adão regressa.

Adão – Conseguiste vender-lhes o teu vinho de flor de dente-de-leão?

Eva – O que vais beber?

Adão – Não isso, pelo menos da última vez que bebi, quase morri...

Eva – Meu marido está a brincar...

Adão – Prefiro tomar um absinto.

Eva – Absinto? Não foi proibido em França?

Adão serve-se.

Adão – Abasteço-me na Suíça, a fronteira fica mesmo ali ao lado. É verdade que desde que o bebo, começo a perder cabelo e, às vezes, tenho alucinações... Até tenho vontade de matar alguém. Mas se quero pintar como Van Gogh... O absinto enlouqueceu-o, e no final ele suicidou-se, mas tudo bem... Que talento!

Francisco regressa.

Eva – E você, Francisco? O que gostaria de beber?

Francisco – Um vinho do Porto, se tiver...

Eva – Ah, esqueci o vinho do Porto.

Bernarda – Não faz mal, meu marido vai beber outra coisa, não vai, Francisco? Vais beber absinto com o Adão...

Francisco – Claro... Um absinto estará bem.

Eva – Não, não, eu resolvo isso. Adão, podes encarregar-te dos gelos? Peço desculpa por um momento...

Eva e Adão saem. Bernarda nota que Francisco parece um pouco perturbado.

Bernarda – Parece que viste um fantasma. Não me digas que é o daquele tipo que se enforcou no nosso quarto...

Francisco – Quando fui buscar a câmara, ele estava mexendo na tua bolsa...

Bernarda – Não...

Francisco – Teremos que verificar antes de ir embora se não nos roubaram nada...

Bernarda – Estão parecendo estranhos... E se inventássemos uma desculpa para irmos embora?

Francisco – Uma desculpa?

Bernarda – Não sei. Sempre podemos arranjar algo. Uma situação de emergência. A morte de um ente querido... Um vazamento de gás...

Francisco – Temos uma caldeira a óleo.

Bernarda – É por isso que falei de desculpa...

Francisco – Tu achas...?

Bernarda – Tenho um mau pressentimento... (*Com uma expressão perturbadora*) E sabes como costumam acabar as coisas quando tenho um mau pressentimento...

Eva retorna com a garrafa de vinho do Porto e serve Francisco.

Eva (*para Francisco*) – E este é um vinho do Porto que veio diretamente de Portugal. A rapariga da limpeza trouxe-o de lá quando voltou de férias.

Bernarda – Por que achas que o vinho do Porto que compramos em França não é necessariamente de Portugal?

Eva parece um pouco confusa.

Francisco – Minha esposa está a brincar...

Eva (*para Bernarda*) – Eu também tomarei vinho de dente-de-leão, se isso a tranquiliza. Prometo-lhe que beberei primeiro. Se não morrer imediatamente em convulsões terríveis, então poderá bebê-lo também.

Adão regressa.

Adão – Aqui estão os cubos de gelo. (*Para Bernarda*) Bem frio, bebe-se melhor, vai ver. Quase nem se sente o sabor do dente-de-leão... (*Todos levantam os seus copos.*) Vamos lá, saúde! (*Bernarda bebe cautelosamente um gole.*) Não quero ser indiscreto, mas intriga-me... Ainda não percebo o conceito de peregrinação laica...

Bernarda – Vocês acreditam em milagres?

Adão – Quer dizer... quando há um terramoto que causa duzentas mil mortes, e depois de semanas de busca, voluntários resgatam um ou dois sobreviventes por acaso, arriscando as suas vidas, e todo o mérito é atribuído a Deus agradecendo-Lhe pelas Suas bênçãos?

Bernarda – Bem, também somos sobreviventes miraculosos... Diria mesmo polimiraculosos.

Francisco – A minha esposa quer dizer que já escapámos várias vezes à morte.

Eva – Uau... a sério?

Francisco – Por exemplo, o Concorde que se despenhou num hotel no aeroporto de Roissy em 2000, lembram-se?

Eva – Ah, sim, claro.

Bernarda – Meu marido tinha planeado apanhar esse voo. Já estava na sala de embarque. Mas partiu o cóccix ao cair depois de escorregar num sabonete ao sair da casa de banho do aeroporto. Por isso não conseguiu embarcar...

Francisco – Repararam... Já tinha feito o check-in das minhas malas. Aliás, nunca mais as vi...

Adão – É estranho... Nunca tinha ouvido falar desta história... (*Com um olhar cúmplice a Eva*) E dizer que nunca se soube realmente como é que aquele avião explodiu ao descolar...

Eva (*para Bernarda*) – E você não estava com o seu marido...?

Bernarda – Só o tinha acompanhado... Passámos a noite num hotel no aeroporto. Quando voltei para pagar a conta, o hotel já era só um monte de cinzas.

Francisco – O Concorde que eu ia apanhar despenhou-se em cima dele.

Bernarda – Com cinco minutos de diferença, eu também teria estado lá... Por isso também nunca mais vi as minhas malas...

Francisco – Foi nesse momento que decidimos fazer a peregrinação a Santiago de Compostela.

Adão – Para que Deus lhes devolvesse as malas?

Bernarda – Para agradecer... digamos à Providência.

Silêncio embaraçoso.

Francisco (*com um tom sério*) – Você acredita no além, Eva?

Eva fica um pouco surpreendida.

Eva (*a brincar para aliviar a tensão*) – Quer dizer... a Quarta Dimensão, esse tipo de coisas...?

Adão – Eu tendo a pensar que o paraíso e o inferno estão aqui na Terra, e que podemos passar de um para o outro no mesmo dia... Aliás, isso é o que te disse esta manhã, não foi, querida?

Silêncio.

Bernarda – Em todo caso, a vista é magnífica... Todo este verde... (*Para Francisco*) Não trouxeste a máquina fotográfica, Francisco?

Francisco – Esqueci-me com toda esta agitação...

Adão – A vantagem de não ter memória é que nunca te aborreces. A minha mãe tinha Alzheimer. Cada vez que me afastava dela por um segundo, ela achava que eu acabara de chegar. Ela ficava sempre feliz por me ver...

Francisco – Vou buscar a câmara.

Bernarda – Vou contigo, vou buscar um casaco. Está um pouco fresco, não é...?

Francisco e Bernarda saem.

Eva – Então...?

Adão – Bem, não tive muito tempo para procurar, o marido apanhou-me com as mãos na massa...

Eva – Mas ele estava lá em cima! Uma pistola com uma pega preta e um cano prateado.

Adão – A única coisa preta e prateada que vi naquela mala foi um secador de cabelo... (*Lança-lhe um olhar suspeito*) Diz-me, não confundirias um secador de cabelo com uma pistola...?

Eva não parece muito confiante.

Adão – Ou será que as pistolas que viste na televisão eram do Star Trek ou Guerra das Estrelas...? Tipo uma pistola laser desintegradora... que eventualmente poderia servir como secador de viagem para o cabelo...?

Bernarda regressa com um casaco, acompanhada por Francisco, que tem uma câmara na mão.

Francisco – Está pronto, pelo menos podemos ter uma memória eterna desta maravilhosa vista. No caso de as coisas se complicarem de repente...

Eva (*preocupada*) – Têm alguma razão para pensar que as coisas podem piorar de repente...?

Bernarda – Em lado nenhum estamos a salvo de um meteorito a cair...

Francisco – Ou de um bloco de gelo que se solta da sanita de um Airbus...

Adão e Eva trocam olhares preocupados. Francisco tira uma fotografia da sala, enquanto Bernarda assume uma expressão adequada.

Bernarda – Na verdade, sinto muito, mas não podemos ficar.

Eva – Ah, sim...?

Adão – Que pena...

Bernarda – Acabei de receber uma chamada no meu telemóvel. Minha mãe acabou de falecer...

Francisco, aparentemente surpreso, olha para ela perplexo.

Adão – Ora, isso é estranho... Não, quero dizer... Não por causa da sua mãe... Mas normalmente não há sinal aqui. Foi o que expliquei ao seu marido há pouco. Deve ser outro milagre.

Eva olha para ele indignada.

Eva – Sentimos muito pela sua perda. As nossas condolências...

Bernarda – Claro, pagaremos a noite...

Eva – Mas de maneira nenhuma, por favor!

Adão – A menos que insista, claro...

Eva – Por favor, sentem-se um momento.

Francisco – E de que morreu ela?

Bernarda olha para o marido, irritada.

Bernarda (*para todos*) – Bem, já sabem, ela já estava muito doente... Mas, mesmo que a gente espere, ainda dói...

Francisco – E pensar que ela andava de bicicleta com a idade dela.

Eva – Há seis meses tive que sacrificar o meu hamster. Estava cheio de tumores e mal conseguia pedalar na sua gaiola. Isso afetou-me muito. Por isso, consigo imaginar o que é perder uma mãe...

Bernarda, aparentemente metida no papel, começa a chorar. Eva entrega-lhe um lenço de papel.

Eva – Tome...

Bernarda – Obrigada... Fico muito comovida...

Adão (*para Eva*) – Mas antes do hamster, houve o teu pai... Morreu algumas semanas antes...

Eva – Eu sei... Parece monstruoso, mas não me afetou da mesma maneira que com o meu hamster...

Bernarda – Eu entendo... Quando nunca se teve filhos...

Bernarda enxuga as lágrimas e assoa o nariz ruidosamente. Parece recuperar-se um pouco e dá um gole no seu copo.

Bernarda – Este vinho de dente-de-leão é mesmo delicioso. Muito leve. E tem um sabor invulgar... O que é?

Eva – Provavelmente o dente-de-leão...

Bernarda – Ah, sim... Sente-se o sabor... É muito delicado...

Adão – Diz-se que para preparar este elixir milagroso, até acrescentam alguns vermes que encontram no dente-de-leão.

Eva – Comam amendoins... (*Bernarda serve-se.*) E você, Francisco, ainda tem os seus pais?

Francisco – Bem... Sou um filho adotado... Minha mãe morreu durante o parto, e meu pai morreu num acidente de carro a caminho do registo no município...

Adão – Talvez devesse considerar ter um animal de estimação. Não substitui, mas enfim...

De repente, Bernarda levanta-se da cadeira e começa a sufocar de uma forma impressionante.

Francisco – O que está acontecendo, querida?

Eva – Deve ser a emoção...

Francisco – Ou este vinho...

Adão – Acho mais que são os amendoins... Deve ter engasgado com um.

Adão levanta-se, fica atrás de Bernarda, rodeia o peito dela com os braços e aperta-a por trás, num gesto um pouco ambíguo. Francisco observa-o com espanto, mas Bernarda não demora a cuspir o amendoim e a recuperar lentamente a respiração com dificuldade.

Adão – Foi a manobra de Heimlich. Vi isso numa série de televisão, nos tempos em que ainda a tínhamos...

Bernarda – Não sei como agradecer... Pensei que ia sufocar...

Adão – Ah, mas isso pode ser mortal, sabe? Chama-se engasgamento. Em vez de seguir diretamente para o esôfago, o amendoim decide fazer uma peregrinação para a traqueia... Isso acontece muitas vezes em casos de forte emoção...

Bernarda – Então você salvou-me a vida...!

Adão olha para ela, um pouco desconfortável.

Adão – Espero que não me arrependa disso.

Bernarda aproxima-se de Adão e abraça-o calorosamente, com devoção um tanto ambígua.

Bernarda – Obrigada... (*Afasta-se e vira-se para Francisco.*) E tu, não fazias nada! Terias deixado-me sufocar! Ainda bem que Adão estava aqui...

Francisco não responde.

Adão – Mas quantas desgraças lhe acontecem. Uma morte na família. Agora um engasgamento. Isto já não é uma peregrinação, é um via crucis. Tem a certeza de que vai conseguir chegar a Santiago de Compostela...?

Eva – De qualquer forma, vão ficar para jantar connosco, não é verdade? Adão leva-os até à estação depois. O próximo comboio para Paris é daqui a três horas...

Bernarda – Porque não... Obrigada pela vossa hospitalidade, a sério...

Eva – Vamos deixar-vos descansar um pouco...

Adão – O ar fresco dos Alpes...

Eva – De qualquer forma, temos de terminar o jantar. Não há muito para fazer, mas bem. Vão conseguir recuperar um pouco.

Adão – E começar a fazer o luto...

Francisco – Pelo menos ajudaremos a pôr a mesa...

Eva – Não, a sério, não é preciso... Vens, Adão?

Eva e Adão saem.

Bernarda – Eles são realmente adoráveis...

Francisco – Há pouco achavas que eram estranhos...

Bernarda – O que ela me disse sobre a morte da minha mãe... Comoveu-me muito...

Francisco – Mas... A tua mãe não morreu, certo?

Bernarda – Talvez, mas supostamente eles não sabem... E além disso, ele salvou-me a vida! Conheço-o há apenas uma hora e já me salvou a vida! Alguma vez me salvaste a vida? Depois de todo este tempo juntos!

Francisco – Então já não vamos embora?

Bernarda – Estamos bem aqui, não estamos?

Francisco – Mas eras tu que dizias que...

Bernarda – Sim, bem, só os tolos nunca mudam de ideias... E tens de admitir pelo menos uma coisa, és consistente nas tuas opiniões...

Bales das cabras.

Francisco – É verdade que elas balem de uma forma estranha, estas cabras... Tens razão, parece que estão a rir de nós...

Adão volta.

Adão – Desculpa, só estou de passagem... Vou à quinta ao lado buscar leite para o pequeno-almoço. Diretamente da úbere da vaca...

Francisco – Ah, sim... Também fazia isso quando era criança.

Bernarda – Os teus pais viviam em Paris.

Francisco – Durante as férias com a minha tia, na Normandia.

Adão – Faz parte da folclore local para os hóspedes de passagem...

Francisco – O leite das vacas é algo diferente do leite do supermercado.

Bernarda – Sim, bem, é como o vinho do Porto, certo? Suponho que o leite do supermercado também vem de vacas, certo? Só é pasteurizado, é isso...

Adão – Claro, esse tem que ser fervido bem. Porque se alguém só bebeu leite pasteurizado na vida, pode facilmente apanhar tifóide...

Francisco – O leite do supermercado... Retiram a manteiga e o creme, vendem-nos separadamente e cobram duas vezes mais caro pelo que sobra.

Bernarda – Eu não lido bem com o leite integral...

Francisco – A minha esposa bebe leite magro garantido sem lactose. Sempre me perguntei o que sobra no leite quando se retira a nata e a lactose. É melhor beber água mineral diretamente, não é?

Adão – Repara que vendem a água mineral ao preço do leite... Bem, não é que me aborreça, mas vou ter que ir. Se não quiser perder a ordenha...

Bernarda – Posso ir com você? Vai mudar um pouco de ares...

Adão – Claro...

Bernarda – Não te importas de ficar sozinho, querido?

Francisco – Não, não, vai tu... (*Com ironia*) Se isso puder suavizar um pouco a tua tristeza.

Adão (*para Bernarda*) – Também encontrei muito conforto nas vacas em momentos difíceis...

Adão e Bernarda saem. Francisco suspira. Eva volta com algo numa cesta.

Eva – Quer descascar cebolas comigo? Vai distrair-lhe...

Francisco – Claro... (*Começam a descascar as cebolas em silêncio*). Pode parecer horrível, mas... Alguma vez tive vontade de matá-la...

Eva – À sua sogra? Oh, todos nós passamos por isso, sabe? Não se culpe por isso, é completamente normal. E além disso, não é responsável pela morte dela, certo? Ou é...?

Francisco – A minha sogra? Ah, não, eu... Estava a falar da minha esposa...

Eva – Ah... Bem, às vezes também me dá vontade de matar o meu marido... (*De repente, preocupada*) Mas só falamos de uma vaga intenção que é rapidamente rejeitada, certo? Não estamos a falar de um início de ação... Quero dizer, não estamos a falar de uma arma de fogo escondida numa mochila ou coisas assim...

Francisco – Há um tempo, quando ela se engasgou, é verdade que não me mexi. Quem sabe...? Talvez tenha pensado por um momento...

Eva – E se este amendoim fosse a solução para todos os meus problemas...? Mas não... Garanto-lhe. Não se preocupe com isso. Sabe o que dizem? O amor e o ódio... São sentimentos às vezes muito próximos um do outro. Vá lá, Francisco! Todos os psicanalistas te dirão. O ódio é o cimento do casal!

Francisco olha para ela, perguntando-se se ela está a falar a sério. Em seguida, suspira e olha a paisagem.

Francisco – Acho que tem razão... Talvez devêssemos mudar para o campo também. Para encontrar um pouco de serenidade. Um pouco de harmonia na nossa relação... Sabe se há quinta à venda por aqui? Seríamos vizinhos...

Eva olha-o com preocupação.

Eva – Isso... Não sei dizer... E além disso, sabe, aqui estamos muito isolados. Tem de ser abastado. Ou ter um trabalho que possas fazer em qualquer lugar. Nem sequer temos internet...

Francisco põe a mão sobre a de Eva e olha-a com um olhar languido.

Francisco – De qualquer forma, obrigado por me ouvir, Eva. Comoveu-me muito, a sério. Quase tenho lágrimas nos olhos...

Eva (*surpreendida*) – Devem ser as cebolas...

Eva retira a mão e tenta mudar de assunto.

Eva – E você, Francisco, no que trabalha na vida?

Francisco – Bem... Faço o mesmo trabalho que a minha esposa.

Eva – Pelo menos à noite têm algo de que falar. Quero dizer... Podem sempre falar do trabalho... Mas, em que trabalha a sua esposa...?

Adão e Bernarda regressam.

Eva – Já voltaram!

Adão – Não conseguimos obter leite, a vaca estava em mau estado.

Bernarda – É incrível! Assistimos ao nascimento de um bezerro... Não consegues imaginar o que senti...

Eva – Ah, sim, sim, entendo... A morte de uma mãe... O nascimento de um bezerro... Tudo no mesmo dia... São muitas emoções...

Bernarda – São coisas que já não estamos habituados a ver em Paris.

Adão – No entanto... Assistiu ao parto da sua esposa, Francisco?

Francisco não tem tempo para responder, pois Bernarda interrompe.

Bernarda – A natureza é realmente algo poderoso... Quando te atinge bem no rosto assim... (*Quebra-se*) Oh, meu Deus! Ela estava de pé, e havia duas patas fendidas a sair de... Foi verdadeiramente atroz. Os camponeses amarraram uma corda às patas do bezerro, e havia três deles a puxá-la...

Adão – Confirmo. Três idiotas dos Alpes.

Bernarda (*a chorar*) – E pensar que também dei à luz um bezerro...

Os outros três olham-se perplexos, sem saber se foi um lapsus.

Eva – Bem, talvez devêssemos sentar à mesa. Se não quiserem perder o vosso comboio...

Adão – O que é que preparou de bom, querida?

Eva – Bezerro...

Francisco – Vamos ajudar a pôr a mesa.

Bernarda – É tudo o que consegues dizer?

Francisco fica perplexo. Eva sai, seguida de Francisco. Bernarda e Adão preparam-se para segui-los.

Bernarda (*sussurra para Adão*) – Já não a suporto... Às vezes penso: se ao menos tivesse apanhado aquele Concorde em vez de partir o cóccix.

Adão parece desconcertado.

Apagão.

NOITE

Adão, Eva, Francisco e Bernarda terminam de jantar. Adão e Eva vestiram-se para a ocasião. Francisco e Bernarda ainda estão vestidos como exploradores.

Bernarda – Estava delicioso! Não estava, Francisco?

Francisco – Oh, sim! Para o quarto, não sei, mas para a mesa de hóspedes, acho que merecem a terceira estrela.

Adão e Eva trocam um olhar intrigado.

Bernarda – Terão que dar a receita ao meu marido, Eva.

Francisco – Quando se têm bons produtos...

Eva – Ah, sim, realmente é do produtor ao consumidor. Comprámos o bezerro da quinta ao lado...

Bernarda sente-se desconfortável.

Adão – Mas esse não é o bezerro que viram nascer há pouco, certo? Embora suponha que ele também tenha chegado ao mundo de forma semelhante, mas enfim...

Eva – Compro um inteiro a cada dois meses. Cortam-no em pedaços e entregam-no congelado em sacos de plástico.

Bernarda – Ah, sim, é prático.

Eva – Infelizmente, não sei se o fazendeiro poderá continuar a fazê-lo. Agora que a esposa dele já não está...

Francisco – Também se enforcou?

Eva – Está na prisão...

Adão – Encontraram meia dúzia de bebês no congelador dela, precisamente...

Eva – Espero que os sacos estivessem devidamente rotulados...

Há tensão. Eva prefere mudar de assunto.

Eva – De qualquer forma, ficamos contentes por a sua mãe não ter morrido afinal. Permite-nos passar a noite juntos...

Adão – Mas o que aconteceu exatamente?

Bernarda – Bem...

Bernarda lança um olhar ao seu marido para que a ajude.

Francisco – Uma trágica confusão... Um ladrão acabava de roubar todos os seus documentos.

Bernarda – Um polaco, segundo nos disseram.

Francisco – Um indocumentado, precisamente.

Bernarda – Completamente bêbado.

Francisco – Já sabem como são os polacos.

Bernarda – Agora nem precisam de passaporte para vir para a França.

Francisco – Em resumo, ao sair da casa da minha sogra, pumba! O sujeito é atropelado por um carro da polícia.

Bernarda – Morto no ato.

Francisco – Um verdadeiro matadouro.

Bernarda – Sabem como é, eles conduzem como loucos.

Francisco – Quando ligam a sirene.

Bernarda – Embora na maioria das vezes, eles vão à casa de apostas do bairro para fazer as suas apostas...

Francisco – Portanto, como o ladrão tinha os documentos da minha sogra com ele, os polícias pensaram que era ela que tinha morrido.

Bernarda – E avisaram-nos.

Francisco – Felizmente, entretanto, a minha filha foi à morgue identificar o corpo.

Bernarda – E ela viu claramente que não era a avó dela...

Francisco – Sim, um polaco...

Bernarda – Totalmente bêbado.

Adão e Eva estão um pouco atordoados com esta história complicada.

Eva – Às vezes, a realidade supera a ficção.

Adão – Sim, sem dúvida... Se nos contassem isto numa série de televisão, pensaríamos que estão a exagerar...

Francisco – E, de qualquer forma, não era altura para sair esta noite, de maneira alguma. Tinham razão, ouçam. Já viram, está a nevar?

Bernarda – Tens a certeza?

Francisco – Ah sim, é estranho... Os flocos são rosados...

Adão (*olhando*) – Ah não, são as pétalas da cerejeira que está mesmo em cima da casa.

Eva – A floração está a terminar. Sempre que há vento...

Francisco – Ah, é verdade. Há um vento forte...

Bernarda – Isso lembra-me a nossa última estadia nas Landas... Lembra-te, Francisco? Começou assim em 99, em Biscarrosse. Mesmo antes da tempestade que destruiu o telhado do nosso Hotel Ibis e devastou 250.000 hectares de floresta.

Ruído de trovão. Adão e Eva trocam um olhar preocupado.

Eva – Continuem a comer queijo. Fiz eu mesma. Com o leite das cabras que estão a pastar em frente a vocês. Embora agora esteja a escurecer e já não se vejam muito bem...

Bernarda – Mas ouvimos.

Balidos das cabras.

Francisco – E parecem estar a divertir-se...

Francisco e Bernarda olham-se e riem, controlando rapidamente o riso.

Eva – Vou buscar a sobremesa... (*Antes de sair, sussurra baixinho para Adão*) Fizeste-os fumar ou algo do género?

Adão – Não, garanto-te... E mal beberam...

Eva – Deve ser o estado natural deles...

Adão – Ou talvez seja o vinho de dente-de-leão, combinado com este ar pobre em iodo...

Eva sai.

Adão – Mas hey, ainda não sabemos o que fazem na vida... Já estou intrigado...

Francisco – Ah... dizemos-lhes, Bernarda?

Bernarda – Força... No final de contas... As cartas estão lançadas...

Francisco – Somos clientes mistério...

Adão – Ah, sim, isso... Isso responde perfeitamente à minha pergunta...

Eva volta com uma torta de morangos de Espanha.

Francisco – Clientes mistério! Não sabem o que é?

Adão – Não.

Bernarda – Bem, por exemplo, uma cadeia de hotéis contrata-nos para ficarmos incógnitos num dos seus palácios...

Francisco – Ou num dos seus hotéis mais baratos, depende.

Bernarda – À custa da casa, obviamente...

Francisco – E no final da nossa estadia, apresentamos um relatório detalhado sobre a qualidade do serviço.

Bernarda – Após o que, claro, os funcionários incompetentes são despedidos imediatamente sem compensação...

Francisco – Grandes chefs que se descuidam perdem a terceira estrela...

Bernarda – E as casas de hóspedes onde temos que nos ajoelhar para nos enforcarmos perdem a terceira espiga.

Eva parece consternada.

Eva – E são pagos para isso?

Francisco – É um trabalho...

Adão – E em Santiago de Compostela, também vão como peregrinos misteriosos, certo?

Eva – Ou é apenas uma fachada...?

Francisco – No ano passado, o Vaticano enviou-nos a Lourdes.

Bernarda – Estavam a questionar se a reputação de Bernarda não estava um pouco inflacionada.

Francisco – É verdade que já faz muito tempo desde que ela fez um milagre...

Pequeno desconforto.

Bernarda – E se experimentássemos esta torta?

Francisco – Vamos ver se merece a terceira espiga.

Eva (*a defender-se*) – É uma torta de morangos silvestres...

Francisco – Mas digam-me, são enormes por aqui.

Adão – E ainda não viram as trufas. A maior que já foi encontrada na região precisou de uma escavadora para ser desenterrada.

Eva serve a torta.

Eva – No entanto, a pensar bem, é um trabalho muito agradável, não é?

Adão – Ser pago para denunciar, quando há tanta gente que o faria de graça... Vejam o que aconteceu durante a ocupação da França pelos nazis...

Eva – Portanto, passam o vosso tempo de férias ou compras?

Bernarda – Oh, já sabem, a longo prazo... É cansativo. Até perigoso, por vezes. Contámos-vos sobre o Concorde...

Eva – Ah, porque também estavam em missão na altura?

Francisco – Sabem como é em aviões, por vezes o serviço deixa muito a desejar...

Bernarda – Também nos hotéis... E nem menciono os quartos em casas de particulares. Hoje em dia, qualquer pessoa pode transformar o seu sótão sem janelas em quartos de hóspedes encantadores... Não estou a falar de você, claro...

Francisco – Mesmo assim... Às vezes pergunto-me se não lançámos uma maldição...

Eva – É estranho, mas também começo a ter essa sensação...

Francisco – Parece que para onde quer que vamos, a erva não volta a crescer.

Adão – Erva?

Francisco – Estávamos em missão na Tailândia logo antes do tsunami. E estávamos prestes a ir para o Haiti logo antes do terremoto...

Adão e Eva olham-se com consternação.

Francisco – Espero que não vos estejamos a contagiar com má sorte também...

Bernarda (*voltando à torta*) – *Nunca vi morangos tão grandes...* Tem a certeza de que são morangos? Parecem duas metades de melão...

Francisco – Já agora, Eva, não posso resistir a fazer-lhe uma pergunta. É você a modelo de Adão para as suas pinturas?

Eva – Não me diga que também enviam clientes mistério para as oficinas dos pintores...

Francisco – Ainda não... É pura curiosidade da minha parte...

Eva – Nesse caso... Tenho que manter a minha parte de mistério também...

Francisco – E a sua pintura... dá para viver dela?

Adão – Nus, hoje em dia, vendem-se muito mal. Quando era criança, ia ao Louvre só para ver mulheres nuas. Mas agora, com a internet... Sabem como é.

Bernarda (*a Adão*) – Já tentou pintar cabras?

Adão – Perdão?

Bernarda – Em vez de mulheres... Tem tentado pintar cabras? Também são bonitas, as cabras.

Francisco – E muito engraçadas. Ouçam-nas rir...

Bernarda – E também fazem queijo!

Eva – Não querem um pouco mais?

Francisco – Bem, não vamos deixar tão pouco...

Francisco come o queijo com um sorriso bobo.

Eva – Posso fazer-vos uma pergunta indiscreta também?

Bernarda – Avancem...

Eva – Como é que se conheceram, você e o seu marido?

Francisco – Nunca adivinhará...

Adão – Nos Escoteiros?

Bernarda – Como é que soube?

Adão – Foi algo que me ocorreu assim.

Bernarda – A vida na barraca cria laços.

Francisco – Claro, não eram barracas mistas, mas tudo bem...

Bernarda – As nossas foram arrastadas por uma tempestade durante a noite enquanto acampávamos na Floresta de Fontainebleau.

Francisco – Todos nós nos encontramos lá fora às três da manhã, de cuecas.

Bernarda – E a natureza fez o resto... E vocês, onde se conheceram?

Adão – Num clube de troca de casais.

Francisco – Ah, sim...?

Adão – Na verdade, era um clube de férias. Mas dá mais ou menos no mesmo. Vim com um amigo. E cada um foi para a cama com a mulher do outro...

Francisco (*filosófico*) – No final, o mundo inteiro é uma enorme orgia.

Bernarda olha para ele um pouco perplexa.

Bernarda – Que tal jogarmos Trivial Pursuit para terminar a noite em grande?

Eva – Ah, desculpa, mas não temos nenhum jogo...

Bernarda – Um ponto negativo para a vossa terceira espiga... Os jogos de tabuleiro são essenciais numa casa de hóspedes. Felizmente, sempre levamos o nosso conosco. (*Adão e Eva parecem atónitos*) Podes ir buscá-lo, querido? Está na minha mochila... (*Francisco sai.*) Por baixo do revólver... (*Adão e Eva ficam paralisados.*) Quero dizer, por baixo do secador de cabelo. Vão ver, o Francisco e eu somos um casal incrível.

Eva – Ah, isso não me surpreende...

Francisco volta com um Trivial Pursuit em miniatura e coloca-o na mesa.

Bernarda – É uma versão de viagem, obviamente.

Eva – Sim, é preciso ter bons olhos para ler as cartas...

Bernarda começa a preparar o jogo, depois vira-se para Francisco.

Bernarda – Esqueceste os dados...

Francisco – Desculpa.

Ele sai novamente.

Bernarda – Fazemos equipas para ser mais rápido? Qual peça escolhem?

Adão – Não sei... A vermelha...

Adão estende a mão para pegar a peça, mas Bernarda agarra-lhe o pulso para parar o movimento e interpela-o num tom firme.

Bernarda – Não toques nisso, idiota!

Adão e Eva ficam surpreendidos com o tom ameaçador.

Bernarda (*suavizando*) – A vermelha é a nossa peça da sorte. É melhor pegarem na laranja...

Adão – Está bem...

Francisco regressa com dois dados enormes, dos quais mais tarde se perceberá que um tem principalmente 7 e o outro principalmente 1.

Adão e Eva ficam surpreendidos.

Francisco entrega a Eva o dado com os números pequenos.

Francisco – É a tua vez. Para descobrir quem começa...

Eva lança o dado.

Eva – Um.

Bernarda – A nossa vez...

Bernarda lança outro dado.

Bernarda – Sete!

Adão e Eva mostram surpresa.

Francisco – Começamos nós... E começamos com um primeiro pedaço de queijo. Geografia. Fazem-nos uma pergunta?

Bernarda – Pega naquela caixa.

Eva tira uma carta e lê.

Eva – Qual destas três cidades é atravessada pelo Rio Sena: Madrid, Rio de Janeiro, ou Paris...?

Francisco e Bernarda consultam antes de darem a resposta.

Bernarda – Paris...?

Adão – Boa escolha!

Bernarda – Viajar a pé por França também ensina geografia...

Francisco – É a nossa vez novamente.

Bernarda lança o dado.

Bernarda – Outro sete. Peça amarela. História.

Eva – Qual destas três cidades não fica na Alemanha: Lisboa, Berlim ou Munique?

Francisco e Bernarda consultam novamente antes de darem a resposta.

Bernarda – Lisboa?

Adão – Estão certos de que era uma pergunta de história...?

Bernarda – E outro pedaço de queijo. Queres lançar o dado, querido?

Francisco lança o dado.

Francisco – E outro sete!

Bernarda – Pedacinho de queijo cor de laranja. Desporto.

Eva – A que velocidade foi cronometrado o saque de Boris Becker em Roland Garros em 1986, aproximadamente a dois quilómetros por hora?

Bernarda (*contrariada*) – Foste tu que guardaste as cartas da última vez, Francisco?

Francisco – Sim, talvez...

Bernarda – Diria... 52 quilómetros por hora...?

Francisco – Tanto assim? Isso é quase a velocidade de uma mota...

Bernarda – Bem, digamos 48, então.

Eva – Desculpa, foram 269.

Bernarda (*a Francisco*) – Vês, fizeste-nos errar... Bem, faz parte do jogo. Não se pode ganhar sempre. Vá lá, é a vossa vez. Peguem neste dado.

Adão lança o dado.

Adão – Um.

Bernarda – Qual é o nome do medicamento à base de cloroquina mais conhecido? Cuidado, há uma rasteira...

Eva – Não faço ideia...

Adão – A Nivaquina.

Eva – Bravo...

Bernarda (*lendo*) – Sangria.

Eva – Sangria...?

Bernarda (*lendo de novo*) – É verdade que é surpreendente, mas pronto... É o que diz na carta...

Francisco – É como no futebol! Se começarmos a questionar os erros de arbitragem...

Bernarda – Desculpem, é a nossa vez! Vamos... (*Bernarda lança o dado.*) Outro sete! Bem... Estamos com sorte...

Francisco – Então... Verde, também para nós.

Eva – Quantas corcovas tem um camelo?

Francisco – Ah, confundo sempre com o dromedário... (*Refletindo*) Diria pelo menos duas.

Adão – Estão a impressionar-me...

Bernarda – E outro pedaço de queijo! Vamos, um pequeno sete... (*Lança o dado.*)
Sete! Pedaço de queijo castanho. Literatura.

Eva tira uma carta.

Eva – No Astérix e Obelix, como se chama o companheiro do Astérix?

Bernarda (*a Francisco*) – Aqui é preciso pensar bem. Sabes que a literatura não é o nosso forte... A ver... (*Arrisca*) Obelix?

Adão – Avisaram-nos de que eram um casal incrível, mas isto...

Bernarda (*a Francisco*) – Vamos, está na tua vez de lançar o dado.

Francisco lança o dado.

Francisco – Dois...

Bernarda – Lançaste-o com muita força! Bem, são altos e baixos do jogo...

Eva – Quanto tempo pode viver uma planta de cenoura?

Bernarda (*furiosa com Francisco*) – Desta vez, sou eu que guardo o jogo no final da partida...

Francisco – Quer dizer, se morrer de velhice?

Bernarda – Não sei...

Francisco – Menos do que um coelho, não?

Bernarda – O coelho come a cenoura...

Francisco – Diria... cinco anos?

Eva – Dois.

Eva – Bem, é uma média.

Bernarda – Então, a vocês...

Eva lança o dado.

Eva – Un, de novo...

Adão – Sinto que não iremos para a cama muito tarde.

Eva – Pergunta laranja.

Bernarda – Ah, tem aqui uma chance de recuperar terreno. Uma pergunta fácil. Qual foi o primeiro clube vencedor da Taça dos Clubes Campeões Europeus?

Adão fica sem palavras.

Bernarda – Claro, tem de ser um adepto de futebol...

Adão – Não faço ideia.

Eva – Real Madrid?

Bernarda – Como é que sabe...?

Eva – Foi só um palpite.

Bernarda (*irritada*) – Bem... Então, outra vez para vocês...

Eva lança o dado.

Eva – Dois.

Adão – Estamos a melhorar...

Bernarda – Que região francesa é conhecida pelos seus quiches de Lorena...? (*Ela fica pálida.*) Oh, não, já tivemos esta pergunta recentemente...

Francisco – Deve estar no outro baralho...

Bernarda – Vou buscar outra.

Francisco – Nunca saberemos se sabias a resposta certa. É o jogo...

Bernarda procura entre as cartas até encontrar uma que lhe convém.

Bernarda – Ah, aqui está... Pergunta laranja. Desporto. Peço desculpa, pensei que futebol não era a sua especialidade... Quantos golos marcou o futebolista francês Just Fontaine durante o Campeonato do Mundo de 1958?

Adão (*a Eva*) – Vai tu...

Eva – 9...?

Bernarda – 13! Bem, não se pode ter sorte o tempo todo... A nós! (*Para Francisco*) Desta vez, eu lanço o dado...

Ela lança o dado.

Bernarda – Sete! (*Para Francisco*) Vês, quando não o lanças com muita força... Então, pergunta rosa. Pelo último pedaço de queijo...

Eva – Em que museu se conserva o crânio de Napoleão quando era criança?

Bernarda (*consultando Francisco*) – Ele nasceu em Ajaccio...

Adão – Cuidado, só tem uma chance de responder!

Bernarda – Ainda assim, diria... No Museu dos Inválidos, em Paris.

Eva vira a carta e, incrédula, lê a resposta.

Eva – E é verdade!

Francisco e Bernarda ficam felizes e parabenizam-se mutuamente.

Francisco está prestes a guardar o jogo. Bernarda pega uma faca que está na mesa e a segura na garganta de Francisco.

Bernarda (*num tom assassino*) – Desta vez, eu guardarei as cartas, certo?

Francisco encolhe os ombros. Bernarda guarda o jogo enquanto Adão e Eva a observam perplexos.

Bernarda (com um tom doce de novo) – Que tal um Monopólio agora?

Adão e Eva mostram pouco entusiasmo.

Francisco – E que tal um Cluedo?

Bernarda – Ou um Scrabble?

Francisco – Ou talvez strip poker?

Eva – Talvez devamos dar por terminado e vocês irem dormir, certo? Amanhã têm uma caminhada para fazer...

Bernarda – Bem... Querem que o meu marido lave os pratos?

Eva – Não, não... De jeito nenhum...

Francisco – Então até amanhã, para o pequeno-almoço...

Eva – Chá ou café?

Francisco – Oh, não se preocupem.

Bernarda – Façam os dois, nós arranjaremos...

Adão – Boa noite.

Francisco e Bernarda fazem um pequeno gesto de despedida e desaparecem.

Adão e Eva ficam sozinhos, arrasados.

Adão – Lavas a loiça ou enxugo...?

Eva – Que tal deixarmos isso para amanhã e tomarmos uma pequena infusão? Acho que preciso...

Apagão.

DURANTE A NOITE

Numa luz onírica, com uma música estilo "Era Uma Vez no Oeste", Francisco e Bernarda aparecem em lados opostos do palco, ainda vestidos como escoteiros. Eles se viram de costas, segurando o que parece ser uma arma em cada mão. Em câmera lenta, eles se viram e apontam um para o outro, revelando que estão segurando secadores de cabelo. O som dos secadores é ensurdecedor. Ainda em câmera lenta, eles parecem ser arrastados por um vendaval...

Apagão.

DE MANHÃ

A luz acende gradualmente em um palco vazio. Adão chega primeiro de pijama, segurando uma xícara na mão, tomando goles de seu café enquanto observa a paisagem. Ele se senta e lê o jornal. Eva chega em seguida, de camisola, claramente não muito desperta, segurando um copo de leite na mão.

Eva – Eles ainda não se levantaram, certo...?

Adão – Estão de férias, eles. Estão dormindo até tarde. (*Lendo o jornal*) Sabias que os Alpes estão em uma falha sísmica?

Eva – Não.

Adão – Houve até um terremoto esta noite.

Eva – Ah, entendi...

Adão – Está no jornal. Dois graus na escala Richter. Claro, não sentimos nada, mas talvez seja apenas um presságio... Te lembras do que eles disseram?

Eva – Quem?

Adão – Nossos anfitriões. Attila e sua esposa: onde eles vão, a grama não volta a crescer. Cada vez que partem, ocorre uma catástrofe.

Eva – Eles ainda não partiram...

Adão – Eu não sei. Tenho um mau pressentimento.

Mas Eva não está realmente prestando atenção.

Eva – Espero que não apareçam ao meio-dia. (*Bebendo o copo de leite e fazendo uma careta.*) Vou te confessar uma coisa: acho que o leite da vizinha tem um gosto estranho...

Adão – Estás certa, parece leite em pó para bebês...

Em branco.

Eva – No entanto, vou dar uma olhada discretamente para ver o que eles estão fazendo... Talvez tenham se matado mutuamente com um machado depois de uma partida de Master Mind. Eles pareciam bem animados ontem à noite...

Adão – Quer que eu vá?

Eva – Tudo bem, se eu vir uma poça vermelha sob a porta, eu te chamo...

Adão retoma seu jornal e volta a mergulhar em sua leitura. Parece intrigado com outro artigo.

Eva volta.

Adão – Escuta isto (*Lendo*) – "As autoridades de saúde ainda não conseguem explicar a loucura que tem afetado os habitantes de um tranquilo vale alpino perto da fronteira suíça. Alucinações coletivas, exibicionismo, orgias... Uma pista inicial, talvez: todas as pessoas afetadas teriam consumido um queijo de cabra artesanal produzido na região..."

Adão olha para Eva.

Adão – Bem, tens uma expressão preocupada...

Eva – Eles foram embora.

Adão – Sério...?

Eva – A cama deles não está desarrumada. Nem sei se dormiram aqui.

Adão – Ou talvez tenham arrumado a cama antes de sair.

Eva – Seria delicado da parte deles...

Adão – Um bom hábito herdado dos escoteiros, certamente. Não deixaram nenhuma nota?

Eva – De qualquer forma, não deixaram um cheque...

Adão – Pelo menos não roubaram nada, certo? (*Ela lança um olhar não reconfortante, e ele entende a mensagem.*) Não?

Eva – O quadro nu que pintaste de mim... Só resta a moldura... Aparentemente, o quadro foi cortado com uma lâmina...

Eles processam essa informação.

Adão – Não quero parecer muito pessimista, mas acho que as coisas não estão a correr bem para a tua terceira estrela...

Silêncio.

Eva – Clientes misteriosos...

Adão – Começo a pensar se não estão a rir-se de nós...

Eva – A menos que tenhamos sonhado.

Adão – Um sonho, queres dizer...

Eva – Não sei se afinal foi uma boa ideia, esta casa de hóspedes...

Adão – Eu, de qualquer forma, não pintei um único quadro desde que aqui cheguei... A vegetação e as cabras não me inspiram...

Eva – E eu, entre o leite da vizinha e o queijo de cabra, ganhei cinco quilos.

Adão – Sim, reparei...

Ela olha para ele cansada.

Eva – Então, o que vamos fazer?

Adão – Temos de enfrentar a realidade, o paraíso é como um clube de férias. Está bem por uma ou duas semanas. Mas quem gostaria de ter uma concessão vitalícia no Club Med...?

Eva – Sempre podemos tentar vender a quinta aos ingleses e voltar para Paris.

Adão – Parece que a libra esterlina está a subir.

Olham o cenário por um momento, como em transe.

Eva – Reparaste que se as cabras do curral esticarem o pescoço, conseguem pastar a tua cannabis do outro lado da vedação...?

Adão – E parece que gostam, sim...

Balidos das cabras soam como risos.

Eva – Achas que o queijo das cabras que pastaram cannabis é alucinogénio?

Adão – Não sei...

Eva – Deve ter o mesmo efeito que um bolo de cannabis.

Adão – Reparas? Inventámos, sem saber, o queijo de cabra de cannabis.

Eva – De qualquer forma, não está mal. Os nossos hóspedes pediram-no três vezes ontem à noite.

Adão – Isso explicaria o comportamento um pouco estranho deles...

Eva – Sim... (*Pensativa*) Estamos a comê-lo há três meses.

Novo silêncio contemplativo. Eventualmente, com música indiana relaxante dos anos setenta.

Adão – Quem são esses dois idiotas que aparecem por aqui a pisar o que resta das minhas plantações de cannabis?

Eva – Bem, são os de hoje à noite... (*Olha para ele sem perceber.*) Os novos convidados... (*Ambos voltam a sentar-se à mesa do pequeno-almoço, visivelmente desanimados.*) Estava a pensar no que me disseste ontem.

Adão – O quê?

Eva – No cinema, quando as luzes se apagam e o filme está prestes a começar, por que razão aquela casal misterioso de idiotas se senta sempre à nossa frente, que chega sempre atrasado e nos impede de ver as legendas?

Adão – Pode parecer horrível o que vou dizer, mas estou a começar a perguntar-me se não somos nós que os atraímos. Na verdade, olha, eles vêm-nos perseguir até aqui...

Balidos de cabras.

Eva – Então, o que fazemos?

Adão – Não vamos deixá-los invadir-nos sem fazer nada. Temos de defender o nosso território e vender caro a nossa pele.

Intercambiam olhares. De repente, ao unísono, eles derrubam a mesa do café da manhã para usá-la como uma barreira, e cada um pega uma das duas pistolas (de brinquedo, é claro) que estavam presas por fita adesiva embaixo.

Corte para preto. Ouvem-se rajadas de tiros. Novos balidos de cabras assustadas...

Adão – Acho que abati um deles.

Eva – Eu também.

Os balidos das cabras param imediatamente.

Adão – Não se ouve nada.

Eva – Tem certeza de que não foram as cabras que derrubamos? Já não as ouvimos rir...

Música de encerramento.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um crítico na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-057-5

Documento para download gratuito